

O ritual do Hoji em minha vida

AKIRA KIBI*

Tradução: Eva Paulino Bueno**

“Quais são seus planos para este fim de semana?”, uma amiga me perguntou, há dois anos atrás. “Nós vamos fazer uma festa Hoji para minha mãe. Como esta amiga sabia que minha mãe está morta há muitos anos, ela perguntou mais detalhes sobre Hoji, e eu expliquei que é uma reunião budista entre familiares e parentes para comemorar a pessoa morta.

Quando nós conversamos mais sobre o significado de Hoji, eu esclareci que esta é uma reunião tradicional que tem lugar mesmo depois de vários anos após a morte de um membro da família. Esta amiga é a professora Eva Bueno, que agora leciona na St. Mary’s University em San Antonio, Texas. A pergunta que deu origem à minha primeira tentativa de explicar o que é Hoji – e talvez até de entendê-lo melhor para mim mesmo – foi feita durante uma visita à minha casa, quando ela ainda morava no Japão.

Agora, dois anos mais tarde, eu tenho a oportunidade de escrever este pequeno ensaio e participar desta discussão sobre como as diferentes culturas veem a morte, dizem adeus aos seus entes queridos, e comemoram sua memória.

Hoji começa no funeral e a reunião é feita uma vez por semana por 7 semanas depois da morte, o que completa 49 dias de serviço religioso. Estes 49 dias têm

um significado, porque este é o período durante o qual o falecido viaja pela terra dos recentemente falecidos, até que ele ou ela se encontra com Ennma, uma espécie de juiz que decide se o/a falecido/a deve ir para o céu ou para o inferno.

Então, começa a reunião do primeiro ciclo e, depois, vem a do terceiro ciclo (que tem lugar um ano depois do primeiro ciclo), seguida pelas do 5º, 7º, 13º, 25º e, finalmente, do 50º ciclo, no qual a maioria dos que tomaram parte nesta longa série de reuniões já se foi e a tarefa de continuar as reuniões já está a cargo da geração seguinte.

Pessoalmente, eu acho que esta tradição de Hoji tem duas funções: ela provê a família do falecido com um processo de cura para as dores da perda (“o processo do pesar”, de acordo com Alfons Deeken, Professor de Filosofia na Universidade Jochi, em Tóquio), na fase imediatamente depois da perda do falecido. Este processo de “cura” pode ir do primeiro dia até o primeiro ou terceiro ano.

Outro papel que Hoji faz é dar a cada um dos membros destas reuniões a oportunidade de tomar um tempo separado das suas preocupações diárias e ter um momento para refletir sobre sua

* **AKIRA KIBI** é médico na cidade de Kobe, no Japão. Ele é praticante budista, e fervoroso pacifista. Ele também participa de trabalhos no grupo de discussão, chamado International Forum, na cidade de Osaka. Ele é um dedicado ceramista de fim de semana, trabalhando com formas e materiais tradicionais japoneses.

** **EVA PAULINO BUENO** leciona Espanhol e Português na St. Mary’s University em San Antonio, Texas.



própria vida sob o ponto de vista da vida e da morte dos seres humanos, não em forma de um pensamento abstrato, mas através da vida daquela pessoa em particular, o/a falecido/a para quem o Hoji está sendo feito, e compartilhar a experiência da família enlutada neste contexto depois da perda do ente querido.

Gostaria de deter-me um pouco nesta primeira função: o processo de cura. De acordo com o Professor Deeken, que iniciou, no Japão, um singular grupo dedicado à educação sobre a morte, chamado “A reunião para pensar sobre a vida e a morte”, há 12 estágios ou reações pelas quais cada família que perde um de seus membros passa.¹ As doze fases que Deeken propõe não ocorrem necessariamente de 1 a 12, em ordem fixa, mas algumas são omitidas, algumas podem voltar e outras podem aparecer misturadas, dependendo do caso e da pessoa enlutada. Elas são: 1) trauma psicológico e paralisia; 2) negação; 3) pânico, 4) raiva e indignação; 5) ressentimento e hostilidade; 6) autorrecriação (a morte poderia ter sido evitada se eu tivesse feito... alguma coisa); 7) formação da imaginação e fantasia, 8) solidão e depressão; 9) confusão mental e apatia; 10) desistência ou aceitação; 11) o encontro de novas esperanças e, possivelmente, a recuperação do senso de humor; e, finalmente, 12) a recuperação ou estabelecimento de uma nova autoidentidade.

Deeken propôs estas características para ajudar as pessoas a compreenderem o processo de recuperação psicológica da família em luto, para que as pessoas conhecidas possam fazer uma avaliação correta se é melhor deixar a pessoa em luto sozinha, ou dar apoio, ou mesmo buscar intervenção médica. Destas características, o que eu acho relevante,

tendo em vista o papel curativo que as reuniões de Hoji podem ter, são: 1) o momento do encontro e do compartilhamento da dor e também de ideias com outras pessoas que participam da reunião, e 2) encorajar aos que perderam um ente querido a terem um diálogo com ele/a; pois, o diálogo feito de uma forma positiva pode servir como uma fonte na qual a pessoa em luto pode encontrar novas esperanças e forças para viver.

As pessoas em luto, em certo ponto do seu processo de cura da dor da separação eterna do ente querido, necessitam de uma oportunidade de sair do seu desespero. A reunião do Hoji pode dar a estas pessoas esta oportunidade, na qual elas se encontram com outras pessoas e podem compartilhar a dor de outras experiências com a perda, e saber que eles não estão passando por esta dor sozinhos, mas que têm outros ao seu lado. Este compartilhamento de experiências com outros precisa de uma ocasião e lugar próprios para este propósito, e esta ocasião não pode ser obtida se as pessoas enlutadas simplesmente retornam à sua vida normal em casa ou no trabalho ou mesmo na comunidade a que eles pertencem. No Japão, ainda é um tabu falar sobre a morte e, quando uma conversa, volta para este assunto, as pessoas rapidamente colocam uma fachada neutra, ou dizem condolências em formas de clichês, e jamais ousariam entrar no recinto da dor íntima das pessoas.

Esta segunda função de Hoji é também uma visão reconhecida oficialmente sobre o assunto pela seita budista de Jodo-shinshu. De fato, a originalidade da ideia do Hoji em Jodo-shinshu foi designada não para a memória do morto, ou para seu benefício – para que ele/ela descanse em paz no céu –, mas para



congregar os membros do grupo para que eles pensem seriamente em suas próprias vidas. O budismo, ao contrário da visão geral desta religião no Japão, está sempre preocupado com os vivos: ele chama a nossa atenção para as questões importantes de como viver a nossa vida finita, o que a vida quer dizer para nós, ao invés de olhar para o passado ou

seguir adiante com um funeral cuja função maior é dizer à sociedade que uma certa pessoa o deixou. Nós não temos que reunirmos uma vez, e de novo, até depois de várias décadas, somente para dizer à sociedade que alguém morreu. Obviamente, a figura principal em Hoji é cada um dos membros que se juntam para esta reunião.

¹ Estas fases podem ser comparadas aos quatro estágios pelos quais a pessoa que está morrendo passa, como está descrito por Elizabeth Kubler Ross no seu livro *Living with Death and Dying*. Dentro desta área, também são interessantes os seguintes livros: *Healing Into Life and Death*, de

Stephen Levine, e *Death, the Final Stage of Growth*, também de autoria de Elizabeth Kubler Ross. Todos estes livros trazem para a discussão o aspecto da necessidade de consolo para os que ficam e têm que enfrentar a vida sem o ente querido que se foi.